



Ágora. Estudos Clássicos em debate

ISSN: 0874-5498

jtorrao@ua.pt

Universidade de Aveiro

Portugal

MORAIS, CARLOS

Glória aos vencedores, glória a Ceos (Baquilides, Odes 6-8)

Ágora. Estudos Clássicos em debate, núm. 11, 2009, pp. 13-32

Universidade de Aveiro

Aveiro, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321027642002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Glória aos vencedores, glória a Ceos (Bacquídes, *Odes* 6-8)

CARLOS MORAIS¹

Universidade de Aveiro — CLC

Abstract: After having devoted two epinicians to Argeus (*Odes* 1 and 2), in *Odes* 6-8 Bacchylides celebrates the sporting achievements of two other of his compatriots Ceos also took great pride in: Leucon and Liparion, both winners in the Olympic Games, and Nemeus, respectively. In this article, these three poems will be translated and analysed.

Keywords: Bacchylides; epinician; Panhellenic Games; *arete*; *kleos*; epithet; *glaphyron* style.

Um papiro descoberto no Egipto, em 1896, trouxe à luz do dia parte da obra perdida de Bacquídes, um poeta que os Alexandrinos, em tempos idos, haviam escolhido para integrar o catálogo dos nove maiores líricos da Hélade. Deste conjunto reduzido de poemas, publicado pela primeira vez por Kenyon, no ano seguinte ao achado (Oxford 1897), cinco são dedicados a três conterrâneos do autor, que alcançaram a glória em Jogos Pan-Helénicos: Argeu, vencedor no pugilato de rapazes no Istmo (*Odes* 1 e 2); Lácon, vencedor na corrida de rapazes em Olímpia (*Odes* 6 e 7); e, de acordo com uma hipótese pouco consensual, Lipárion, vencedor provavelmente em Nemeia, numa competição que o estado bastante mutilado do texto papirológico não permite apurar (*Ode* 8).

O estudo que nos propomos fazer circunscreve-se apenas aos três últimos destes poemas. Imediatamente após a sua tradução, feita com base na edição de Campbell (London 1992), apresentaremos a nossa leitura crítica e literária, que não descarta a controversa discussão dos limites e da estrutura das *Odes* 7 e 8, nem a análise das passagens mais obscuras e fragmentadas.

Num estilo suave e elegante que Longino (*de subl.* 33. 5) definiu como *glaphyron*, o poeta, servindo-se da comparação e do contraste, da

Texto recebido em 25.11.2008 e aceite em 27.01.2009.

¹ cmorais@ua.pt

simetria e da *variatio* e ainda de epítetos variados e ricos em pormenores descritivos e decorativos, pinta quadros harmoniosos, cheios de cor e de luz, que realçam os feitos desportivos e as qualidades dos vencedores, cuja glória individual amplia a glória colectiva de Ceos.

1. Baquilides, *Ode 6*

ΛΑΧΩΝΙ ΚΕΙΩΙ <ΠΑΙΔΙ> ΣΤΑΔΙΕΙ ΟΛΥΜΠΙΑ

Λάχων Διὸς μεγίστου
λάχε φέρτατον πόδεσσι
κῦδος ἐπ' Ἴαλφειοῦ προχοαῖς[~ --
δι' ὅσσα πάροιθεν
ἀμπελοτρόφον Κέον 5
ἄεισάν ποτ' Ἰολυμπία
πὺξ τε καὶ στάδιον κρατεῦ[σαν
στεφάνοις ἐθείρας

νεανίαί βρῦντες.
σὲ δὲ νῦν ἀναξιμύλπου 10
Οὐρανίας ὕμνος ἕκατι Νίκ[ας,
Ἄριστομένειον
ὦ ποδάνεμον τέκος,
γεραίρει προδόμοις ἀοι-
δαῖς, ὅτι στάδιον κρατήσας 15
Κέον εὐκλέϊξας.

A Lácon, vencedor na corrida de rapazes em Olímpia

*Lácon, do Zeus supremo,
alcançou a suma glória, com os seus pés,
junto à embocadura do Alfeu, feito igual
a outros pelos quais, outrora,
Ceos, criadora de vinhas, 5
foi cantada em Olímpia,
como vencedora no pugilato e na corrida,
por jovens exuberantes*

*de cabelos com grinaldas.
E a ti, agora, um hino de Urânia, soberana do canto, 10
por vontade de Vitória
— ó filho de Aristómenes,*

*de pés velozes como o vento —,
te honra com cantos, entoados diante de tua casa,
porque, com o teu triunfo na corrida,
a Ceos deste fama.* 15

Dos epínicios perfeitamente datáveis de Baquíledes, este é o mais recente. Foi escrito para celebrar a vitória de Lácon, filho de Aristómenes, na corrida de rapazes da 82.^a Olimpíada, que teve lugar na Primavera-Verão de 452 a.C., “junto à embocadura do Alfeu” (v. 3), como se pode comprovar por um fragmento com uma lista dos vencedores em Olímpia, entre 480 a.C. (Ol. 75) e 448 a.C. (Ol. 83)². Ainda que haja testemunhos de que Lácon terá triunfado duas outras vezes nas Nemeias, esta deve constituir a sua primeira vitória em jogos pan-helénicos. É que, se estes dois sucessos tivessem sido conseguidos antes do que é referido nesta ode, seria de esperar que a eles se fizesse referência, o que na verdade não acontece.

Este epínicio, além de ser um dos últimos da carreira do poeta de Ceos, é também o mais bem conservado dos poucos que, resistindo à erosão do tempo, lograram chegar até aos nossos dias. Apenas três pequenas lacunas, nos vv. 3, 7 e 11, perturbam muito ligeiramente a sua leitura, sem nunca afectar o sentido do texto. E destas, só a primeira divide os críticos quanto à melhor solução para o preenchimento das três últimas sílabas do verso. O problema decorre dos diferentes valores da palavra ὄσσα (v. 4), que pode ser interpretada como interrogativa, exclamativa ou relativa. Como sustenta Maehler (1997: 129), a primeira hipótese é improvável e a segunda, apesar de atestada em Píndaro (*O.* 13. 107 e 9. 93; *N.* 10. 41; *Péan* 6. 87-89), não se encontra em Baquíledes, pelo que a proposta de Blass (νικῶν: “vencendo”), ainda que interessante, atendendo à correspondência tautométrica com Νίκ[α]ς (v. 11: “...de Vitória”), perde alguma consistência³. Assim, a palavra a adoptar deverá

² *P. Oxy. II. 222, Fragmente der griechischen Historiker* III B 415 Jacoby.

³ Numa proposta interessante, adoptada pela edição teubneriana de Snell-Maehler (Leipzig 1988), Wilamowitz (1958: 263, n. 2) recupera esta conjectura de Blass, considerando que δι' ὄσσα (v. 4) é relativo e se liga a σὲ δὲ νῶν... (vv. 10 sqq.), num verso onde a partícula δὲ é usada com valor apodótico (cf. Denniston, 1954: 178).

ser um antecedente do relativo, que se ligue a κῦδος (v. 3: “glória”). De entre as soluções possíveis, a que se nos afigura mais adequada ao contexto é a proposta por Schwartz (προχοαῖσ[iv ἴσον: “feito igual...”), que adoptamos, ainda que consideremos igualmente plausível a hipótese formulada por Maehler (1997: 129-130): προχοαῖσ[iv τοῖον (“feito tal...”)⁴.

Constituído, tal como a *Ode* 4 em honra de Hierão, por duas estâncias simples *in responsione*, suavemente ligadas por um *enjambement* (vv. 8-9), este breve poema faz incidir toda a sua luz sobre a figura do vencedor, cujo nome surge significativamente em posição de destaque no começo do primeiro verso:

Λάκων Διὸς μεγίστου
λάχε φέρτατον πόδεσσι
κῦδος ἐπ’ Ἀλφειοῦ προχοαῖς

Lácon, do Zeus supremo
alcançou a suma glória, com os seus pés,
junto à embocadura do Alfeu...

Com esta colocação pouco comum, usada também uma única vez por Píndaro (*I.* 8.1, dedicada a Cleandro de Egina), fica claro, à partida, que Lácon será o alvo exclusivo do encómio. Sempre com o objectivo de glorificar o feito desportivo do jovem filho de Aristómenes, o poeta, servindo-se de um estilo simples e gracioso, vai do presente ao passado, logo regressando ao presente, num movimento em crescendo contínuo, pautado por um agitado e festivo ritmo eólico muito diferente dos habituais e mais solenes dáctilo-epítritos.

Num primeiro momento (vv. 1-3), o mais breve dos três que enformam a ode, proclama-se a recente vitória nos principais Jogos Pan-Helénicos. Para além da já referida identificação do vencedor, são-nos apresentados, nesta espécie de proémio, os principais dados relativos à competição e à vitória alcançada: o nome do deus patrono dos jogos (v. 1: o supremo Zeus), a prova disputada (v. 2: a corrida para rapazes) e o local

⁴ Para outras conjecturas e sua análise crítica, *vide* Jebb (1905: 295) e García Romero (1987: 448-450).

do triunfo (v. 3: “junto à embocadura do Alfeu”, ou seja, Olímpia). Mas, apesar destes detalhes, o foco nunca deixa de incidir sobre Lácon. Se os superlativos que se acumulam nos dois primeiros versos têm o efeito inquestionável de ampliar o elogio, enaltecendo a sua proeza no *agon* atlético, a justaposição do seu nome ao de Zeus (v. 1) sugere, como sublinha Finn (1980: 107), “uma directa interacção entre o humano e o divino”. E essa interacção mais evidente se torna se, do jogo de palavras entre o nome próprio Λάκων (v. 1) e a forma verbal λάχε (v. 2: “alcançou”) usada em outros contextos de vitória⁵, concluímos que, de acordo com crenças antigas, o *omen* implícito no *nomen* de Lácon acabara de se cumprir. De facto, acreditavam os Gregos que os nomes próprios encerravam um destino que determinava a sorte de quem os possuía. Assim, com esta associação de palavras — uma técnica igualmente utilizada por Píndaro⁶ —, pretende o poeta sugerir que o jovem, desde nascença, transportava em si, qual graça divina, o dom de “alcançar a glória” (v. 2), só próprio dos vencedores.

Ao atingir o seu *kleos* individual, Lácon culmina uma série de outros triunfos alcançados no passado por concidadãos seus em Olímpia, nas modalidades de pugilato e de corrida. Deste modo, acaba também ele por contribuir para o *kleos* colectivo de Ceos, causa de muitas celebrações por coros de “jovens exuberantes” (v. 9: νεανίαί βρύντες). Sujeito da oração que preenche o centro do poema (vv. 4-9) — um espaço habitualmente ocupado por um mito — esta expressão, pelo seu posicionamento, é um exemplo, entre muitos outros, da cuidada arquitectura poética de Baquílides. Significativamente colocada no início da antístrofe e a fechar esta sequência poética, apresenta uma simetria perfeita com o sujeito da primeira oração e destinatário da ode, destacado, como vimos, na abertura da estrofe (v. 1: Λάκων...). Igualmente significativo é o participio βρύντες que caracteriza a exuberância dos jovens coreutas, com grinaldas luxuriantes na cabeça. Tal como o epíteto ornamental ἀμπελοτρόφον (v. 5: “criadora de vinhas”) que enfatiza a abundância da

⁵ Cf. Pi. *O.* 10. 61; e *I.* 8. 64.

⁶ Cf. *O.* 7. 58-64: λάχος / Λάχεσιν; *O.* 6. 55-57: ἴαμος / ἴων; *P.* 4. 27: μήδεσιν / Μήδεια.

terra natal de Lácon, este é um detalhe descritivo sensorialmente rico e eufórico que contribui para exacerbar o sempre crescente tom encomiástico da ode.

À semelhança da *Ode 2*, a transição do presente para o passado, verificada da primeira para a segunda parte, faz-se de forma suave e bem articulada. Esta mudança tem o seu *pivot* em *πάροιθεν* (v. 4), a que se associa, como reforço, *ποτέ* (v. 6), dois advérbios temporalmente indefinidos, que sugerem que os eventos, vagamente referidos, ocorreram num passado incerto. Toda esta indeterminação, como bem sublinha Pieper (1966: 122), não é casual, mas inegavelmente deliberada. Com ela, Baquilides procura evitar que o conjunto indistinto de outras vitórias, obtidas no passado por cidadãos de Ceos, possa obnubilar a façanha do jovem filho de Aristómenes, a única que, por comparação com aquelas, pretende exaltar. A comprová-lo está a brusca e condensada fórmula de transição — *σὲ δὲ νῦν* (v. 10) — no início da terceira e última parte, a mais extensa e mais festiva do poema, atendendo à acumulação de referências aos cantos triunfais e à honra e fama pela vitória alcançada (vv. 10-16).

Num evidente *da capo*, Baquilides, contrapondo *νῦν* a *πάροιθεν* (vv. 10 e 4), catapulta-nos de novo para o presente, focalizando a nossa atenção na concisa, mas expressiva, forma de pronome pessoal *σὲ* (v. 10), que vai distender toda a sua concentrada carga semântica no longo vocativo, expressivamente colocado no centro da antístrofe. Introduzindo uma *variatio* em relação ao início da ode, o poeta, agora, dirige-se ao jovem, designando-o pelo nome do pai e caracterizando-o com um expressivo epíteto (vv. 12-13):

Ἄριστομένειον
ὦ ποδάνεμον τέκος

*ó filho de Aristómenes,
de pés velozes como o vento*

Além de sublinhar as qualidades atléticas do jovem, já sucintamente referidas no v. 2 (*πόδεσσι*), o epíteto *ποδάνεμον* (v. 13), porque

tradicionalmente associado a Íris⁷, contribui também para adensar a atmosfera divina que sempre envolve uma vitória olímpica. Relacionado, no início do poema, com o patrono dos Jogos, de quem obteve a suma glória, Lácon, no clímax da ode, é elevado ao mundo dos deuses, mercê da rapidez de seus pés. Por vontade de Vitória, é celebrado por um hino de Urânia, uma das nove musas filhas de Zeus que, em Baquilides, recebe diferentes epítetos: ἀναξιφόρμιγγος (*Ode* 4. 7-8: “senhora da lira”), χρυσάμπυκος (*Ode* 5. 13: “de áureo diadema”) e, nesta ode, o também decorativo, mas perfeitamente adequado ao contexto, ἀναξιμόλπου (v. 10: “soberana do canto”). De facto, o canto como veículo de louvor é um *topos* fundamental deste epinício, como comprova a recorrência de palavras ligadas ao campo semântico da música, sobretudo na parte final da ode, onde se intensifica o elogio do atleta e se destacam as suas qualidades heróicas.

É com este mesmo intuito laudatório que o poeta, usando com mestria ora a variação ora a repetição, cria paralelos e contrastes entre as vitórias passadas de Ceos e o presente feito desportivo. Tal como a fecunda Ceos, criadora de vinhas, foi cantada em Olímpia por coros de jovens, pelas suas vitórias no pugilato e na corrida, assim também Lácon, com o seu triunfo na corrida, recebe honras de herói, sendo celebrado por um hino divino, diante de sua casa. Com a sua fama acrescenta mais fama ainda à terra que o viu nascer (v. 16).

Com este paralelo perfeito, Baquilides, como sublinha Finn (1980: 111), transforma Lácon “na personificação gloriosa da sua pátria e na memória viva dos seus primeiros campeões”.

2. Baquilides, *Ode* 7

ΤΩΙ ΑΥΤΩΙ

ὦ λιπαρὰ θύγατερ Χρόνου τε κ[αί]
Νυκτός, σὲ πενήκοντα μηνῶν ἀμέραν
ἕκκαϊδεκάτον ἐν Ὀλυμπ[ίαι] ~ –

⁷ Cf. Hom. *Il.* 2. 786, 5. 353 e 368, 11. 195, 15. 168 e 200, 18. 166, 183 e 196, 24. 95; *h. Hom. Apoll.* 107.

Διὸς] βαρυβρ[έντα Κρονίδαο] ἕκατι ...]ι τοσαιμα[5
κρίνειν τα[χυντάτα τε] λαιψηρῶν ποδῶν Ἑλλασι καὶ γυ[ίωv ἀ]ρισταλκῆς σθένοσ· ὦι δὲ σὺ πρεσβύ[τατο]v νείμησ γέρας νίκασ, ἐπ' ἀνθρ[ώπ]οισιν εὐδοξοσ κεκλή- ται καὶ πολυζή[λωτ]οσ. Ἄρι[στομ]έν[ε]ιον παῖδ]' ἐκόσμη[σασ στε]φάν[οισι Λάχω]να	10
	12
]χε Χαϊρόλαν[μ]ενον εὐσεβ[]ομοι]τωι θαγ[άτω]ι δ[]ι πατρίδοσ·[]νεοκρίτου[]v ἄτεκνον[15

Ao mesmo vencedor

<i>Ó radiosa filha do Tempo e da Noite, a ti o dia dezasseis do quinquagésimo mês em Olímpia, por vontade do tonitruante Zeus, filho de Crono,.....</i>	5
<i>julgar a velocidade dos ágeis pés para os Gregos e a vigorosa e eminente força dos membros; e aquele a quem atribuis a mais venerável recompensa da vitória glorioso se chama e, entre os homens, é muito invejado. Com grinaldas, adornaste o filho de Aristómenes, Lácon...</i>	10
	12
... <i>Querolau...</i> ... <i>por piedoso costume...</i> ... <i>ao morto...</i> ... <i>da pátria...</i> ... <i>do recém-julgado...</i> ... <i>sem filhos...</i>	15

Situada numa secção do papiro com profundas lacunas, esta ode, tal como o título e a parte menos corrompida do texto deixam entender, enaltece o mesmo vencedor e o mesmo feito atlético celebrados no epinício anterior: o triunfo de Lácon de Ceos na corrida de rapazes,

nas Olimpíadas de 452 a. C., o único que se lhe conhece nestes Jogos Pan-Helénicos. Se esta afirmação é consensual entre os estudiosos de Baquilides, o mesmo não se poderá dizer da muito discutida questão dos limites e extensão do poema, suscitada por Blass, logo na sua primeira edição da obra do poeta de Ceos (1898: LII). Defende este crítico que os fragmentos das odes que aparecem sob os números VII e VIII, na *editio princeps* de Kenyon (1897), fazem ambos parte de um mesmo poema. O seu raciocínio assenta fundamentalmente no princípio de que, se assim não fosse, teríamos dois epínícios muito breves (VI e VII) para exaltar a vitória de Lácon, o que contrariava a tendência de Baquilides para escrever poemas de extensão diferente, sempre que repetia um tema, como acontece, por exemplo, nas duas primeiras odes. Neste caso, o poeta ora se serve de um poema longo (*Ode 1*) ora de um outro breve (*Ode 2*) para entoar loas ao triunfo de Argeu de Ceos no pugilato para rapazes, nos Jogos Ístmicos de c. 454-452 (Maehler, 1997: 7).

Adoptada por Festa (1898), por Jebb (1905) e por Edmonds (1927), esta proposta de Blass acabaria por não ter a aceitação de editores e comentadores como Maas, Snell, Wilamowitz, Maehler e Campbell, por conter incongruências de vária ordem que invalidam a hipótese de os dois textos poderem versar sobre o mesmo assunto. De facto, uma leitura atenta dos vv. 18 e 24 da *Ode 8*, onde se alude a vitórias, provavelmente de um atleta de Ceos, nos Jogos Ístmicos e Nemeus, na categoria dos homens⁸, exclui qualquer possibilidade de ser Lácon a figura central do poema. Vitoriado nas *Odes 6 e 7*, o filho de Aristómenes, como vimos já, triunfou numa competição para rapazes (παῖδες) e não para homens (ἄνδρες) e, de acordo com a inscrição de Iulis (*Inscriptiones Graecae* 12. 5. 608), terá vencido ainda duas vezes em Nemeia, mas nunca no Istmo. Apenas dois atletas de Ceos lograram obter o primeiro lugar nestas duas competições pan-helénicas: Argeu, a quem são dedicadas as *Odes 1 e 2*, e Lipáron, filho de Líparo⁹, que obteve três vitórias nos Jogos Ístmicos e uma nos Nemeus. Além disso, como sublinha García Romero (1987:

⁸ Veja-se, *infra*, o comentário à *Ode 8*.

⁹ O seu nome pode vislumbrar-se em B. 8. 9. Na reconstituição deste verso com muitas lacunas, Maas sugere que se leia Λιπά[ρου παῖς (filho de Líparo).

460-461; 1988: 109), se os dois fragmentos pertencessem a um mesmo poema, normal seria que, tendo o triunfo de Lácon ocorrido em Olímpia, a referência a estes Jogos, no final da *Ode* 8, fosse uma alusão a este feito desportivo do jovem e não um pedido a Zeus de vitória futura nesta competição, como parece sugerir o desenvolvimento do poema e como propõe Maas que, ao reconstituir os vv. 27-28 do texto, coloca significativamente os verbos no modo optativo (τελέσαις...ὀπάσαις...: “oxalá atendas...e concedas...”)¹⁰. E, a crer nesta tese de unificação de Blass, natural seria também que a ordem dos poemas dedicados ao filho de Aristómenes fosse a inversa e não a que encontramos no papiro. Exigiria a lógica que o poema mais longo fosse o executado em Ceos, alguns dias depois do sucesso competitivo, e o mais breve, em Olímpia, na sequência imediata do triunfo.

Assim, a probabilidade de estarmos perante dois poemas diferentes, com duas estrofes cada, como as *Odes* 4 e 6, parece-nos a mais verosímil, ainda que tal conjectura levante problemas de natureza métrica. Não é habitual que poemas tão curtos, formados por um só par estrófico, sejam escritos em dáctilo-epítritos¹¹, como também não é usual que odes com esta cadência terminem com ritmo dactílico em vez dos esperados epítritos, conforme acontece neste epinício, numa clara violação da chamada “lei de Zuntz”¹². Neste caso particular, pode sempre pensar-se que estamos perante uma inovação do autor naquele que é o

¹⁰ Esta proposta, seguida por Snell, Maehler e Campbell, entre outros, afasta-se da de Blass, que, em consonância com os seus argumentos de unificação dos dois textos, prefere colocar os verbos no aoristo (τέλεσαις... ὀπάσαις..., “cumpriu... e concedeu...”). Segundo García Romero (1987: 951-986, especialmente 960-970), a “prece para o futuro”, onde se expressam desejos para o vencedor, sua família e sua pátria ou até para o próprio poeta, situa-se normalmente, tanto em Baquíledes (5. 199-200) como em Píndaro (e.g., *P.* 5. 124; *I.* 7. 49 sqq.), na secção final da ode, acompanhada de uma invocação à divindade.

¹¹ Estruturalmente similares, as *Odes* 4 e 6 de Baquíledes e a *Olimpica* 14 de Píndaro são predominantemente eólicas.

¹² De acordo com esta lei (cf. Maas, 1962: § 55, p. 41-42; Korzeniewski, 1968: 144-145; West, 1982: 72), uma estrofe em dáctilo-epítritos deve terminar em epítritos e não em dáctilos. Caso único na obra conhecida de Baquíledes, esta exceção encontra suporte, e.g., em *Pi. O.* 7 (str.), 11 (str.), 13 (str.), *P.* 9 (ep.), *N.* 11 (str., ep.).

mais recente dos seus poemas, de entre os que chegaram até aos nossos dias.

Qualquer que seja o número de estrofes — na senda de Maas (1973: 18), defendemos a hipótese de serem duas —, apenas temos quase completa a primeira, que abre com uma invocação poética, sublinhada por um epíteto luminoso ao gosto de Baquilides (λιπαρὰ: “radiosa”, v. 1), mas sem referência explícita ao nome da divindade invocada. A genealogia e, sobretudo, os algo vagos atributos que se lhe apõem foram consentindo a formulação de várias conjecturas, umas prováveis, outras nem tanto. Robinson Ellis (1898: 64) sugeriu o nome de *Nike*, representação divina da Vitória. Esta hipótese, no entanto, contraria a ascendência apresentada por Hesíodo, em *Teogonia*, 383-384 (filha do Titã Palas e de Estige), e seguida por Baquilides, no *Epigrama* 1.1 e na *Ode* 11.9. Com outra interpretação, Wilamowitz (1898: 130) optou por Selene, personificação da Lua, que terá tido 50 filhas de Endímion (cf. Pausânias, 5.1.4). Não excluindo esta possibilidade, Harrison (1898: 140-141), com base em Baquilides, frag. 1B Snell (*P. Oxy.* 2366. 3-8), e na comparação da *Ode* 7.1 do poeta de Ceos (λιπαρὰ θύγατερ...) com o *Hino Homérico a Deméter*, 25 (Ἐκάτη λιπαροκρήδεμνος...), avançou ainda com o nome de outra divindade associada à Lua, Hécate, cujos poderes, de acordo com Hesíodo (*Th.* 411-452), influenciam as competições atléticas. Contudo, se aceitássemos estas duas últimas hipóteses, a genealogia apresentada por Baquilides afastar-se-ia radicalmente da tradição e estar-se-ia a conferir a Selene uma função que não teria no século V a. C. Nesta época, argumenta Pieper (1969: 232), a deusa seria já uma força insignificante, nunca aparecendo no papel de divindade que julga o valor atlético, tal como refere Baquilides no v. 6. Mais prováveis, em nossa opinião, serão assim as conjecturas de Crusius (1898: 162) e, sobretudo, de Jebb (1905: 296), que foi aceite pela grande maioria dos críticos. Advogou o primeiro que a invocação seria dirigida a Némesis, filha da Noite (cf. Hes. *Th.* 223) e deusa das competições desportivas, com culto em Olímpia, uma hipótese que, em seu entender, poderia ser ainda sustentada pelo jogo etimológico com o verbo νέμειν (v. 8: “atribuir”), técnica igualmente

usada por outros autores¹³. Propôs o segundo que a deusa que domina a quase totalidade da estrofe seria Hémera, considerada pela tradição, tal como pelo nosso poeta, filha da Noite (Hes. *Th.* 124) e do Tempo (E. *Supp.* 787-788), e que é a personificação do dia 16, o último dia das Olimpíadas destinado à entrega dos prêmios aos atletas vencedores (cf. schol. rec. ad Pi. *O.* 5. 8)¹⁴.

Nesta extensa invocação poética, que ocupa metade do poema, tal como a da *Olímpica* 14 de Píndaro, se o nome da divindade é incerto, o conteúdo dos vv. 4 e 5, em consequência das lacunas, não o é menos. Pelo pouco que o fragmento nos deixa perceber, o poeta, muito provavelmente, começaria por afirmar que eram graça de Zeus as funções desempenhadas pela deusa apostrofada. E de seguida, a darmos crédito a um testemunho de Favorino¹⁵, faria breves referências a Hércules, a Pélops ou aos Dácilos do Ida, considerados pela tradição os fundadores dos Jogos Olímpicos.

Nos restantes versos, de conteúdo simples e claro, mas de construção sintáctica algo elaborada, com quiasmos e palavras-chave em posição de destaque¹⁶, são enunciados os principais atributos da divindade: julgar a destreza e a força do atleta na corrida (vv. 6-7) e conceder o prémio ao vencedor, que passa a ser alvo de admiração e de inveja pela glória alcançada (vv. 8-10). Esta afirmação final serve de intróito à primeira referência ao herói deste epinício, cujo nome, Lácon, aparece destacado no fim do verso e da estrofe, em claro contraste com o que se verifica na ode anterior, onde o mesmo nome surge a abrir o poema.

Da segunda estrofe só temos estilhaços. Por isso, o pouco que se pode dizer do seu conteúdo e da sua estrutura é meramente conjectural. Maehler (1997: 128), baseando-se no eco existente entre κρίνειν (v. 6:

¹³ Cf. Pi. *P.* 10. 44 ~70; A. *Th.* 233-235; S. *Ph.* 394 ~518; Hdt. 1. 34. 1. Este jogo etimológico pode ainda sair reforçado, se aceitarmos o suplemento de Maas para o v. 14, que sugere um termo com a mesma raiz no grau ϱ : εὐσεβ[εῖ] νόμοι.

¹⁴ O intervalo de tempo entre os Jogos Olímpicos, que começavam no dia 11 e terminavam no dia 16, alternava entre os 49 e os 50 meses lunares (cf. schol. Pi. *O.* 3. 5). Sobre a problemática em torno da identificação da divindade invocada, veja-se Pieper (1969: 229-234), Marcovich (1970: 181-184) e Maehler (1997: 132-133).

¹⁵ Cf. Marcovich (1970: 183).

¹⁶ Cf. García Romero (1986: 473-474).

“julgar”) e νεοκρίτου (v. 17: “recém-julgado”), pensa que poderia haver correspondência verbal entre as duas estrofes, como acontece nas *Odes* 4 e 6, e que, assim sendo, o elogio do vencedor poderia prolongar-se até este último verso. Desse encómio faria parte provavelmente uma breve menção a Querolau que, na opinião de Blass, poderia ser um parente morto (v. 15), cujos passos na senda da glória o herói Lácon havia seguido, contribuindo assim também, com o seu triunfo, para o *kleos* da pátria (v. 16).

3. Baquilides, *Ode* 8

[ΠΠΑΡΙΩΝΙ ΚΕΙΩΙ ?]

...]ιοι' άγων[-- (?)	8
....]ταν λιπα[ρ --	
...]ναισεπα[-- ~ ~ --	10
. π]αῖδας Ἐλλά[νων ~ ~ --	
ό πο]λυαμπελ[~ ~ --	
...]τον ύμν[~ --	
..]ηνος έν Κ[έωι	
..]περ άντι[πος ~ --	15
...]π[

Πυθωνά τε μηλοθύταν ύμνέων Νεμέαν τε καί Ἴσθ[μ]όν· γαῖ δ' ἐπισκήπτων χέρα κομπάσομαι· σὺν ἄλα-	20
θείαι δὲ πᾶν λάμπει χρέος· οὔτις ἀνθρώπων κ[αθ' Ἑλλα- νας σὺν ἄλικι χρόνω[ι παῖς ἐὼν ἀνήρ τε π[λεῦ- νας ἐδέξατο νίκας.	25
ὦ Ζεῦ κ[ε]ραυνεγχές, κα[ὶ ἐπ' ἄργυ]ροδίνα ὄχθαισιν Ἄλφειοῦ τελέσ[αις μεγ]αλοκλέας θεοδότους εὐχάς, περὶ κ[ρατί τ' ὀπά]σσαις γλαυκὸν Αἰτωλίδος ἄνδημ' ἐλαίας	30
έν Πέλοπος Φρυγίου κλεινοῖς ἀέθλοις.	

(A Lipárion de Ceos ?)

...do certame...	8
...filho de Líparo...	
...(Cleonas?)...	10
...aos filhos dos Gregos...	
rico em vinhas...	
...(canto de prece?)...	
...em (Ceos?)...	
...embora sem cavalos...	15
.....	
<i>cantando em louvor de Píton, onde se sacrificam ovelhas, de Nemeia e do Istmo. E na terra apoiando a minha mão, exultarei (pois com a verdade todo o dever brilha): ninguém de entre os Gregos, em igual espaço de tempo, como rapaz ou como homem, obteve maior número de vitórias.</i>	20
<i>Ó Zeus que brandes o raio, nas margens do Alfeu de argênteos redemoinhos, oxalá atendas também às suas preces de grande glória, que são dádiva dos deuses, e à volta da sua cabeça concedas a coroa verde-cinza da oliveira etólia, nos famosos Jogos do frígio Pélops.</i>	25 30

Das duas estrofes que hipoteticamente formam esta ode (independente da anterior, como deixámos já expresso nas páginas precedentes), só a segunda nos chegou praticamente completa. Da primeira, de acordo com a proposta de Maas (1970: 320-321), seguida pela generalidade dos editores, apenas temos alguns fragmentos dos vv. 8-16 (~24-32), de difícil interpretação, tendo-se perdido por completo o que provavelmente seria a invocação poética. Ainda assim, é possível vislumbrar nestas passagens profundamente mutiladas as habituais indicações de abertura de um epínicio relativamente à pátria, ao nome do vencedor e aos jogos em que foi obtida a vitória. Bastante plausíveis, as conjecturas propostas por Maas e por Körte, respectivamente, para os vv. 12 e 15, consentem a

reconstrução de dois epítetos — πο]λυαμπέλ[ου (“rica em vinhas”) e ἄνιπ[πος (“sem cavalos”) —, que são associados por Baquilides (*Ode* 6. 5) e por Píndaro (*Péan* 4. 25-27) a Ceos, topónimo que, na leitura crítica de Maas, pode divisar-se no v. 14 (ἐν Κ[έωι). Articulando esta hipótese com a afirmação de que o atleta celebrado triunfara nos Jogos Nemeus e Ístmicos (v. 18), só dois nomes, de acordo com a já referida inscrição de Iulis (*Inscriptiones Graecae* 12. 5. 608), podem ser apontados como destinatários da ode: Argeu e Lipárion. Destes, o mais provável é o segundo, já que, na senda de Maas, podemos inferir, do que nos resta do v. 9, a expressão Λιπά[ρου παῖς (“filho de Líparo”), ou seja, Lipárion, que triunfou três vezes no Istmo e uma em Nemeia, como já deixámos dito no comentário à ode anterior.

Ainda que se ignore, por falta de dados, a prova atlética em que venceu este cidadão de Ceos, é possível, no entanto, aventar algumas hipóteses sobre os jogos em que participou, com base no muito pouco que o v. 10 permite lóbrigar. Ao ler, nesta linha, Κλεω]ναῖς ou Κλεω]ναί (“Cleonas”), nome de uma povoação da Argólida, Maehler (1997: 138-139) é de opinião que a competição se realizou nos Jogos Nemeus. Diferente, contudo, é o parecer de García Romero (1987: 484-490; 1988: 114). Partindo de uma outra conjectura (κλει]ναῖς ἐπ’ ἀ[κταῖς – ∪ – ∪ Κίρρας, “nas ilustres costas...de Cirra”), este crítico sugere que o epinício deve celebrar a vitória do filho de Líparo em Píton (cf. v. 17) ou, então, em jogos menores, não pan-helénicos, como acontece, por exemplo, nas odes 14 e 14B. Qualquer que tenha sido, porém, o local da competição, pode sempre inferir-se, do pouco que nos chegou, que o triunfo, pela sua excelência¹⁷, não só terá causado admiração entre os filhos dos gregos (v. 11) como também terá glorificado o nome de Ceos (v. 14), sua pátria – dois tópicos bastante plausíveis, já que recorrentes em Baquilides (2. 15-16; 9. 30-31; 10. 17-20) e em Píndaro (*O.* 7. 20; *P.* 9. 73, *P.* 11. 49-50; *P.* 12. 6).

¹⁷ Na reconstrução hipotética do v. 9, é possível vislumbrar o termo ἀρε]πύ(?) que, numa articulação perfeita com a palavra νίκας do correspondente v. 25, sublinha a excelência da vitória. Para a justificação desta conjectura, vide García Romero (1987: 487-488).

Desta hipotética referência à glória colectiva, o poeta passa, na segunda estrofe, à glória individual, enumerando os triunfos do herói de Ceos em Delfos, em Nemeia e no Istmo (vv. 17-18). Trata-se de um catálogo de vitórias que prepara o encómio do vencedor (vv. 19-25), introduzido por uma fórmula de juramento (vv. 19-20), que ecoa a da *Ode* 5. 42 e traz à memória a da *Iliada* 14. 272-274¹⁸:

χειρὶ δὲ τῆ ἑτέρῃ μὲν ἔλε χθόνα πολυβότειραν,
τῆ δ' ἑτέρῃ ἄλα μαρμαρέην, ἵνα νῶϊν ἅπαντες
μάρτυροι ὦσ' οἱ ἔνερθε θεοὶ Κρόνον ἀμφὶς ἔόντες...

*com uma mão toca na terra provedora de sons,
e com a outra no mar cintilante, para que entre nós
sejam testemunhas todos os deuses lá em baixo com Crono...*

De igual modo, o poeta, na *Ode* 8, colocando a mão sobre a terra sagrada, invoca os deuses subterrâneos como testemunhas para que o punam, caso jure falsamente e se furete à proclamação da verdade (ἀλάθεια). Como afirma na sentença parentética que se segue (vv. 20-21), o seu dever de louvar a *arete* do herói só brilhará se for verdadeiro. Ora, sendo etimologicamente aquilo que impede que um acontecimento seja ocultado pelo esquecimento (λήθη), ἀλάθεια, termo destacado por uma sináfia (vv. 20-21), relaciona-se, na análise de Márquez Guerrero (1992: 65), “tanto com o elogio como com o brilho da recordação, que se opõem à obscuridade do silêncio e do esquecimento”. O poeta confirma este entendimento, ao asseverar, na *Ode* 3. 94-96, que “ao homem com êxito, não é o silêncio que traz o adorno”¹⁹. Por isso, “com a verdade das coisas belas” (*Ode* 3. 96), afasta a inveja (cf. *Ode* 5. 187-190) e louva o êxito desportivo de Lipárion, imortalizando-o e imortalizando-se também, já que se associa pelo canto à *arete* do atleta. No elogio, feito em tom superlativo e na forma negativa²⁰, deixa claro que, de entre os gregos, foi este seu conterrâneo o que mais vitórias alcançou, quer nas competições

¹⁸ Tradução de Frederico Lourenço, *Homero: Iliada* (Lisboa 2005).

¹⁹ Esta tradução e a seguinte são de F. Lourenço, *Poesia Grega: de Alcman a Teócrito* (Lisboa 2006) 83. Sobre este *topos*, veja-se ainda B. 5. 187-190; 9. 82-87; e Pi. O. 10. 1 sqq.

²⁰ Um processo idêntico é usado em B. 3. 63-66.

para rapazes quer nas competições para homens, sempre numa mesma modalidade, cujo conhecimento nos escapa, por se ter perdido grande parte do texto do epinício.

Mas, para atingir o cume da excelência, isto é, para ser um *περιοδονίκης* faltava ainda um triunfo ao herói, que vencera já em Píton, em Nemeia e no Istmo. Assim, o poeta encerra esta ode, pautada pelos habituais dáctilo-epítritos, com uma prece para o futuro, rica em epítetos (vv. 26-32). Pede a Zeus, patrono da mais célebre competição pan-helénica, que conceda a Lipárion de Ceos a possibilidade de, um dia, receber a coroa de oliveira etólia nos Jogos Olímpicos, realizados junto às “margens do Alfeu, de argênteos redemoinhos” (vv. 26-27), cujo fundador e primeiro vencedor foi o frígio Pélops, que derrotou Enómao, rei de Pisa, na corrida de carros.

Desta glória máxima do herói beneficiaria também Ceos, cuja fama de terra geradora de atletas de excelência correria o mundo helénico.

BIBLIOGRAFIA

Edições, comentários e traduções

- F. BLASS, *Bacchylidis Carmina cum Fragmentis* (Leipzig 1898).
D. CAMPBELL, *Greek Lyric. IV: Bacchylides, Corinna, and Others* (London 1992), edição adoptada.
J. M. EDMONDS, *Lyra Graeca III* (London 1927).
N. FESTA, *Le odi e i frammenti di Bacchilide* (Firenze 1898).
F. GARCÍA ROMERO, *Baquílides. Odas e Fragmentos* (Madrid 1988).
R. C. JEBB, *Bacchylides. The Poems and Fragments* (Cambridge 1905).
F. G. KENYON, *The Poems of Bacchylides, from a Papyrus in the British Museum* (London 1897).
F. LOURENÇO, *Homero: Iliada* (Lisboa 2005).
———, *Poesia Grega: de Alcman a Teócrito* (Lisboa 2006).
H. MAEHLER, *Die Lieder des Bakchylides. I: Die Siegeslieder. II: Die Dithyramben und Fragmente* (Leiden 1997).
———, *Bacchylides: A Selection* (Cambridge 2004).
B. SNELL & H. MAEHLER, *Pindarus. I: Epinicia* (Leipzig⁸1987).
———, *Bacchylidis Carmina cum Fragmentis* (Leipzig 1988).

Estudos

- A. BAGORDO & B. ZIMMERMANN, *Bakchylides: 100 Jahre nach seiner Wiederentdeckung* (München 2000).
A. P. BURNETT, *The Art of Bacchylides* (Cambridge, Mass. 1985).
W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* ([Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970).
J. D. DENNISTON, *The Greek Particles* (Oxford²1954).
R. ELLIS, “Notes on Bacchylides”, *CR* 12 (1898) 64-66.
D. FEARN, *Bacchylides: Politics, Performance, Poetic Tradition* (Oxford 2007).
J. K. FINN, *A Study of the Elaboration and Function of Epinician Conventions in Selected Odes of Bacchylides* (Diss. Duke Univ. 1980).
F. GARCÍA ROMERO, *Estructura de la oda baquilidea: estudio composicional y métrico* (Diss. Madrid 1987).

- F. JAKOBY, *Die Fragmente der griechischen Historiker* (Leiden 1961-1968)
- KIRKWOOD, G. M., “The Narrative Art of Bacchylides”: L. Wallach (ed.), *Studies in Honor of H. Caplan* (Ithaca 1966) 98-114.
- D. KORZENIEWSKI, *Griechische Metrik* (Darmstadt 1968).
- P. MAAS, *Greek Metre* (trad. H. Lloyd-Jones, Oxford 1962)
- , “Kolometrie in den Daktyloepitriten des Bakchylides”, *Philologus* 63 (1904) 297-309 (= W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* [Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970,)
- M. MARCOVICH, “Bacchylides' Ode 7 again”, *GRBS* 11 (1970) 181-184.
- M. A. MÁRQUEZ GUERRERO, *Las gnomai de Baquilides* (Sevilla 1992).
- I. L. PFEIJFFER and S. R. SLINGS, *One Hundred Years of Bacchylides* (Amsterdam 1999).
- G. W. PIEPER, *Unity and Poetic Technique in the Odes of Bacchylides* (Diss. Univ. Illinois 1969).
- , “The Proemium of Bacchylides' Ode 7”, *GRBS* 10 (1969) 229-234.
- C. P. SEGAL, “Bacchylides Reconsidered: Epithets and the Dynamics of Lyric Narrative”, *QUCC* 22 (1976) 99-130.
- , “Choral Lyric in the Fifth Century”: P. E. Easterling and B. M. W. Knox (eds.), *The Cambridge History of Classical Literature. I: Greek Literature* (Cambridge 1985) 222-244.
- J. STERN, “An Essay on Bacchylidean Criticism”: W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* ([Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970) 290-307.
- A. VILLARRUBIA, “Los símiles en la poesía de Baquilides”, *Habis* 22 (1991) 81-96.
- M. L. WEST, *Greek Metre* (Oxford 1982).
- U. von Wilamowitz-Moellendorff, “Rezension von: The Poems of Bacchylides”, *Göttingische Gelehrte Anzeigen* 160 (1898) 125-160 (= W. M. CALDER & J. STERN (eds.), *Pindaros und Bakchylides* [Wege der Forschung 134] Darmstadt 1970, 322-363)
- , *Griechische Verskunst* (Berlin 1921, reimpr. Darmstadt 1958).

* * * * *

Resumo: Depois de ter dedicado dois epinícios a Argeu (*Odes* 1 e 2), Baquíledes celebra, nas *Odes* 6-8, os feitos desportivos de outros dois conterrâneos seus, também eles orgulho de Ceos: Lácon e Lipáron, vencedores nos Jogos Olímpicos e Nemeus, respectivamente. São estes três poemas que o autor traduz e analisa neste estudo.

Palavras-chave: Baquíledes; epinício; Jogos Pan-Helénicos; *arete*; *kleos*; epíteto; estilo *glaphyron*.

Resumen: Después de haber dedicado dos epinicios a Argeo (*Odas* 1 y 2), en las *Odas* 6 a 8 celebra Baquíledes las hazañas deportivas de otros dos contemporáneos suyos, también orgullo de Ceos: Lacón y Liparión, vencedores respectivamente en los Juegos Olímpicos y Nemeos. En este estudio se traducen y analizan estos tres poemas.

Palabras clave: Baquíledes; epinício; Juegos Panhelénicos; *arete*; *kleos*; epíteto; estilo *glaphyron*.

Resumé: Après avoir dédié deux épinicies à Argeios (*Odes* 1 et 2), Bacchylide célèbre, dans les *Odes* 6-8, les exploits sportifs de deux autres contemporains, l'orgueil, eux aussi, de Céos: Lachon et Liparion, vainqueurs respectivement aux Jeux Olympiques et Néméens. Ces trois poèmes sont traduits et analysés dans cette étude.

Mots-clé: Bacchylide; épinicies; Jeux Panhelléniques; *arete*; *kleos*; épithète; style *glaphyron*.